

# 10<sup>o</sup>

# FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA  
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE  
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Autor(es): MARIA CECÍLIA CORDEIRO PIRES, ANDRÉA MARIA NARCISO ROCHA DE PAULA

## MIGRAÇÕES TEMPORÁRIAS NO MUNICÍPIO NORTE MINEIRO DE PORTEIRINHA

### Introdução

Este trabalho estrutura-se como pesquisa de iniciação científica (PIBIC/Cnpq) e de monografia. Esteve vinculado ao projeto SAIR, FICAR, VOLTAR: um estudo sobre migrações temporárias no sertão Norte-Mineiro CSA-APQ-01758-13/FAPEMIG, compondo o Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Comunidades Tradicionais do São Francisco – OPARÁ<sup>1</sup>. O objetivo foi analisar as migrações temporárias no município de Porteirinha, localizado no norte de Minas Gerais, juntamente com o impacto do programa de transferência de renda Bolsa Família na diminuição ou não desses movimentos.

Compreendemos a migração como um processo social complexo, uma rede que envolve todas as relações sociais. Para a análise da trajetória do migrante temporário foi preciso uma compreensão dos deslocamentos realizados, suas causas, motivações e recorrências, bem como o estudo teórico de categorias analíticas. Migração é definida por Becker (1997, p.323) como “mobilidade espacial da população. Sendo um mecanismo de deslocamento populacional, reflete mudanças nas relações entre as pessoas (relações de produção) e entre essas e o seu ambiente físico.” Entendemos por migrações temporárias o ir e vir, o sentimento de ausência, de estar fora do lugar, um processo social que altera a vida de quem migra e de quem vive a espera do que migrou. Neste sentido, Martins (1986) afirma que, “mais do que trânsito de um lugar para o outro, há transição de um tempo a outro. Migrar temporariamente é mais do que ir e vir - é viver em espaços geográficos diferentes, temporalidades dilaceradas pelas contradições sociais. Ser migrante temporário é viver tais contradições como duplicidade.” (Idem, 1986, p.45)

Tendo como universo de estudo nesta pesquisa o município de Porteirinha, levando em consideração a relação presente entre rural e urbano, o lócus constitui-se como espaço privilegiado na análise das dimensões da migração, possibilitando um estudo aprofundado dos temas relativos a esse processo social, bem como para o entendimento das migrações temporárias e tudo o que elas modificam.

### Metodologia

Utilizamos uma análise socioantropológica, voltada para a investigação do processo da migração, por meio dos métodos da pesquisa qualitativa, onde as informações partiram da memória das pessoas do lugar com enfoque nos seus relatos. Para Geertz: “os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças), eles estudam nas aldeias.” (GEERTZ, 1989, p. 32). É importante utilizar a ferramenta do trabalho de campo, com um olhar mais próximo do objeto de estudo, compreender sua importância mais do que como um ato puramente científico, e sim como a vivência na relação mais diversa, que produz assim uma nova visão do pesquisador, uma interpretação do sujeito enquanto agente, para que a pesquisa venha ser não só um trabalho sobre eles, mas também deles.

Para se alcançar os objetivos, utilizamos técnicas etnográficas, tais como, observação, entrevistas qualitativas em profundidade com os moradores e o diário de campo, para manter viva e registrada todas as informações que tomamos ao longo da pesquisa. Isso aconteceu em junção com os estudos e leituras de bibliografias com enfoque na migração, busca de acervo, documentos, e análises de dados secundários, como por exemplo, censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Para isso no processo da pesquisa foi preciso à utilização de gravadores, máquina fotográfica e roteiros de entrevistas, para organizar um importante acervo para o momento da escrita.

Dividimos o trabalho em alguns momentos metodológicos. Primeiro um levantamento bibliográfico local, regional e nacional sobre os eixos temáticos para obter conhecimento do que já foi estudado sobre o lócus e a busca de referências sobre migrações no Norte de Minas, conceitos de rural e urbano, políticas públicas, etc. Outro momento foi referente à elaboração dos roteiros e trabalhos de campo e posteriormente a análise, organização e sistematização dos dados obtidos inter-relacionando com o referencial teórico estudado. Por fim, a partir dos resultados obtidos elaboramos trabalhos apresentados à comunidade acadêmica que posteriormente serão apresentados para a comunidade pesquisada, o município de Porteirinha-MG.

<sup>1</sup> Apoio financeiro: CNPq.

O projeto SAIR, FICAR, VOLTAR: um estudo sobre migrações temporárias no sertão Norte-Mineiro, compõe o Grupo de estudos e pesquisas do São Francisco – OPARÁ/Cepex 96/2011. Aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa-UNIMONTES, parecer 158.386.

# 10<sup>o</sup>

# FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA  
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE  
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

## Resultados e Discussão

Porteirinha é um município localizado no Norte de Minas - Microrregião de Janaúba - formado a partir da pousada de tropeiros as margens do Rio Gortuba e seus afluentes, Rio Mosquito e Rio Serra Branca. Tendo uma população total estimada pelo IBGE em 2015 de 38.720 pessoas.

O período de 1964 a 1987 foi para Porteirinha momento de ascensão econômica, ligado ao fato de ter se tornado a maior produtora de algodão do estado de Minas Gerais. A monocultura interferiu totalmente nas dinâmicas locais, no espaço, na cultura e na vida das pessoas. Todo o município estava envolvido: urbanos e rurais, comerciantes e agricultores, ricos e pobres, mesmo que de maneiras diferentes, foi um momento de aspirações por melhoria de vida, crescimento e desenvolvimento.

Nesse período a cotonicultura também foi importante para o Norte de Minas, refletindo no processo de grande geração de emprego e boas condições financeiras, além de ser um possível estímulo para a permanência das pessoas nos seus lugares de origem, acarretando na diminuição das migrações do campo para a cidade.

De acordo com a empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais – EPAMIG, no processo de produção do algodão no Norte de Minas estão envolvidas 12.000 famílias diretas, predominantemente pequenos produtores. A mão-de-obra utilizada na condução da cultura (4 dias homens/ano) caracteriza a atividade como maior de trabalhadores rurais na região, evitando a migração do homem do campo para os centros urbanos, gerando 23.000 novos empregos diretos, por ano. Trabalhando nos setores ligados à atividade (indústria, têxtil, beneficiamento e comércio) estima-se o envolvimento de mais ou menos 40.000 pessoas. (FILHO, 2000, p. 36-37)

Todavia, após o ápice da produção a cotonicultura entrou em crise, um quadro até então não revertido, que acarretou em uma série de consequências sentidas de diversas formas pelos moradores. São apontadas várias causas provocadoras dessa crise, que vão de questões políticas a questões ambientais, como a praga denominada *bicudo*.

O fato de ser uma monocultura interferiu bruscamente na forma de produção tradicional, a agricultura familiar foi interrompida, através de sua maneira diferenciada de trabalhar a terra, onde há uma relação de *territorialidade*, “esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu “território” ou homeland.” (LITTLE, 2002, p.3). A monocultura impossibilita esse sentimento, essa identificação com o seu meio, além de ter resultado em grandes impactos sobre o ambiente, a cultura e os modos de vida locais.

Singer (2008) coloca como motor principal das migrações internas a criação de desigualdades regionais, em decorrência dos *fatores de expulsão*, que são de *mudança* ou de *estagnação*. Os *fatores de mudança* são resultados da introjeção de modos de produção capitalista nas áreas com lógicas diferentes, isso gera a expropriação dos camponeses, agricultores, entre outros. A monocultura de algodão foi um fator de mudança para a vida dos agricultores e isso veio na época dificultar a permanência deles na região. Geraram-se dois principais fluxos, o êxodo de pessoas que ficaram endividadas e migrações temporárias para resistência no lugar. Os destinos mais mencionados pelos moradores foram para o corte de cana e o café, havendo também idas para a colheita de laranja, semente de capim e algodão em São Paulo, Sul de Minas, Triângulo Mineiro, Mato Grosso, Pará.

Ao analisar se o programa social de transferência de renda Bolsa Família criado pelo governo federal através da medida provisória nº 132, de 20 de outubro de 2003, influenciou ou não para uma diminuição nos deslocamentos dos moradores locais, realizamos um levantamento de dados da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social de Porteirinha, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, juntamente com relatos de beneficiários. Percebemos que o Bolsa Família se tornou um instrumento de reprodução da vida para muitos porteirinhenses, uma forma de sobrevivência e permanência no lugar, bem como, um auxílio para aqueles membros da família no período que aguardam o migrante. Entretanto somente o benefício, e nem seu máximo acúmulo inibe as migrações, levando em conta que na maioria das vezes os sujeitos conseguem uma maior renda nos trabalhos temporários.

Dos migrantes entrevistados, aqueles que passaram a receber o benefício através de suas esposas, não pensaram em parar de sair. Gilberto migra temporariamente para o estado do Pará e como ele relata: isso proporcionou um alívio nas despesas, porém não a ponto de não migrar, segundo ele o Bolsa Família “ajuda, ajuda um pouquinho ué, mas tem que trabalhar porque o dinheiro é pouco”. O que acontece também com Gercílio ao comentar que sua esposa recebe o benefício, mas que não faz muita diferença em suas vidas.

Atualmente, a irregularidade pluviométrica e o clima semiárido são apontados como motivadores de saídas. “A região só vai se chover, se não chover não produz nada”, fala do trabalhador temporário Gilberto, ressaltando a dificuldade dos agricultores porteirinhenses em conviver no clima. Em 2014, Porteirinha estava entre os municípios mineiros que

# 10<sup>o</sup>

# FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA  
EXTENSÃO • GESTÃO  
RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE  
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

decretaram situação de emergência pela seca, dados da diretoria técnica da Coordenadoria Estadual de Defesa Civil de Minas Gerais, contido no Plano de Convivência com a Seca 2015. Esse seria um dos grandes fatores para migrações, entretanto mais que isso, as políticas equivocadas que não se preocupam em preservar e armazenar a água.

As migrações decorrem muito como resultado desse processo de unificação dos modos de produção capitalista e os tradicionais, provocando um declínio da população rural e nas migrações temporárias. Todavia as falas deixam claro os muitos lados desse processo, migram para melhorar de vida, para suprir novas demandas, permanecem em travessia por conta dos laços que ligam os migrantes entre si (amizade, parentesco, afinidades). Migram para resistir, para permanecer, para atingir o que é melhor, partem sonhando no que trarão na volta para Porteirinha.

*“O povo num acha serviço na roça e nem na zona urbana, aí sai pra fora, pra longe, pra trabalhar, pra ganhar um dinheirim, plantar café, cana. (Depoimento do Trabalhador Temporário Gilberto, 63 anos, em entrevista para Pires, M. C. C., 15 de janeiro de 2016, sic.)”*

*“E a experiência é que a gente saía daqui pra caçar um ganho melhor né, porque na região nossa é meio... a gente não ganha dinheiro que dá pra fazer alguma coisa. (Depoimento do Trabalhador Temporário Luís, 33 anos, em entrevista para Pires, M. C. C., sic.)”*

*Fomos trabalhar porque aqui o custo aqui de vida é muito baixo, e pra gente adquirir algumas coisas a gente teve que sair pra fora. (Depoimento do Trabalhador Temporário Jorge André, 34 anos, em entrevista para Pires, M. C. C., sic.)”*

## Considerações

Levando em consideração as experiências reveladas dos sujeitos, os moradores locais se lançaram nas mais diversas travessias. Há um complexo de formas, maneiras, motivos e destinos. As migrações temporárias acontecem como resistência, pois através desses movimentos procuram a reprodução da vida no município. É também uma forma de suprir novas demandas, como a obtenção de dinheiro para a compra de determinadas mercadorias. Estes tipos de migrações se iniciam e, sobretudo, se perpetuam através de redes sociais de informação, onde as relações de parentesco e afinidades proporcionam uma facilidade para a entrada de novos migrantes, como também, confiança para o início dessa empreitada.

Migrar não é um mero deslocamento geográfico e muito menos uma caminhada individual, mesmo que apenas um migre. A pessoa convive com costumes distintos que modificam seus modos de vida. A pesquisa demonstrou que a migração tem especificidades relacionadas ao ambiente onde se vive e que os modos de vida constroem a identidade, mesmo que o sujeito esteja em trânsito. Migram para resistir, procuram no “lugar do outro” o sustento “do seu lugar”.

## Agradecimentos

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq pelo incentivo a pesquisa durante a vigência da bolsa de iniciação científica PIBIC!

## Referências

BECKER, Olga Schild. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. In: CASTRO, Iná Elias de et al. Explorações geográficas: Percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997, p. 319-367.

COORDENADORIA ESTADUAL DE DEFESA CIVIL. Plano de Convivência com a Seca - 2015. Belo Horizonte - Cedec/MG – Minas Gerais: GMG. 2015. 85.p.; A4. ISBN: 978-85-68648-01-8. 1. MINAS GERAIS. 2. Proteção e Defesa Civil. 3. Ambiente da Seca. 4. Relatório da Seca - 2014. 5. Plano de Emergência para a Seca - 2015. 6. Norte de Minas.

FILHO, Djalma Antunes. Fatores explicativos do declínio da cotonicultura em Porteirinha-MG nos anos 90. 2000. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas)- Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, MG, 2000.

GEERTZ, Clifford. O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa. Trad. Vera Mello Joscelyne. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 1991, 2000, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 19 de maio 2015.

LITTLE, Paul E. Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade. Trabalho apresentado no SIMPÓSIO “NATUREZA E SOCIEDADE: DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS PARA A ANTROPOLOGIA”, na 23ª Reunião Brasileira de Antropologia, Gramado, RS, 19 de junho de 2002.

MARTINS, José de Souza. O voo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. In: Não há terra para plantar neste verão. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: Economia Política da Urbanização. São Paulo: Contexto, 2008. P. 29-62.